



História encontrada e narrada por
Cornelia Funke e Lionel Wigram

Com ilustrações da autora

Tradução
Sonali Bertuol

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2012 by Cornelia Funke e Lionel Wigram

Copyright das ilustrações © 2011 by Cornelia Funke

Copyright do mapa © 2012 by Raul Garcia

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Reckless — Lebendige Schatten

Capa

Flávia Castanheira

Preparação

Ana Maria Alvares

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Adriana Cristina Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Funke, Cornelia

Reckless — Sombras vivas / História encontrada e narrada por
Cornelia Funke e Lionel Wigram ; com ilustrações da autora ; tradução
Sonali Bertuol. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2013.

Título original: Reckless — Lebendige Schatten.
ISBN 978-85-65765-19-0

1. Ficção - Literatura infantojuvenil 1. Wigram, Lionel II.
Título.

13-06838

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORADA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



Sumário

1. Espera, 13
2. O mundo errado, 15
3. Fantasmas, 19
4. Um remédio perigoso, 25
5. Alma, 31
6. E agora?, 36
7. Em vão, 38
8. Chanute, 40
9. Montanhas esquecidas por Deus, 46
10. No fundo da terra, 51
11. Juntos, 56
12. Sombras vivas, 59
13. O outro, 72
14. Apenas um cartão, 79
15. Relato de uma aranha, 85
16. A cabeça no oeste, 91
17. A primeira mordida, 98
18. A mão no sul, 102
19. Talvez, 107
20. O mesmo sangue, 112
21. Impossível, 115

- 22. Flancos de ferro, 118
- 23. Mal de mer, 128
- 24. A pegada de uma bota, 133
- 25. A segunda vez, 137
- 26. O melhor, 141
- 27. Uma casa no fim da aldeia, 147
- 28. Dentes e espinhos, 153
- 29. Um novo rosto, 157
- 30. Nada anda, 160
- 31. Cozinheiros demais, 165
- 32. O coração no leste, 168
- 33. Métodos distintos, 172
- 34. Um jogo, 175
- 35. O rei certo, 179
- 36. Desaparecida, 184
- 37. Flores, 191
- 38. Ar, 193
- 39. Amigo e inimigo, 198
- 40. A armadilha dourada, 200
- 41. O território do caçador, 205
- 42. Branco, 208
- 43. Perdidos, 209
- 44. Barba-azul, 213
- 45. Os falsos salvadores, 216
- 46. Traga-o até mim, 220
- 47. Vida e morte, 222
- 48. Tarde demais, 226

- 49. Dois copos, 228
- 50. Um trato, 233
- 51. Corra, 237
- 52. Astúcia e estupidez, 238
- 53. De algum jeito, 242
- 54. Colegas, 246
- 55. Fora do plano, 251
- 56. Fúria de gigantim, 254
- 57. Cabeça. Mão. Coração, 258
- 58. Vantagem, 265
- 59. A Cidade Morta, 267
- 60. A pele certa, 273
- 61. No objetivo, 277
- 62. Apagadas, 281
- 63. A armadilha, 283
- 64. Vida e morte, 287
- 65. O terceiro disparo, 292
- 66. Um instante, 297
- 67. O outro lado, 298
- 68. A Vermelha, 301



1

Espera

Ele ainda não tinha voltado.

Não vou demorar. Fux enxugou a chuva do rosto. Com Jacob, aquilo podia significar muitas coisas. Às vezes ele demorava semanas. Às vezes, meses.

A ruína estava abandonada, como sempre, e o silêncio entre os muros queimados era tão arrepiante quanto a chuva. A pele humana aquecia muito menos, mas ainda assim era cada vez mais raro Fux se transformar em raposa. Agora ela sentia claramente como o pelo lhe roubava anos de vida, sem que Jacob precisasse lembrá-la disso.

Ao se despedir, ele a abraçara forte, como se quisesse levar o calor dela consigo para o mundo onde nascera. Alguma coisa o atemorizava, mas é claro que ele não admitia. Jacob ainda era um garoto que se achava capaz de fugir da própria sombra.

Eles estiveram nas terras do norte, em Sveriga e Norga, onde as florestas ainda estavam cobertas de neve alta e os lobos seguiam para as cidades impelidos pela fome. Antes, eles haviam viajado para tão longe no sul, que de vez em quando a raposa ainda achava areia do deserto em seu pelo. Milhares de milhas... Campos e cidades dos quais ela nunca ouvira falar, tudo supostamente em busca de uma ampulheta. Mas Fux conhecia Jacob bem demais para acreditar naquilo.

A seus pés, entre as pedras quebradas, brotavam as primeiras primúlias silvestres. Fux arrancou um dos caules finos, e o orvalho que pingou das folhas ainda estava frio. Fora um longo inverno, e Fux sentia os últimos meses como geada sobre a pele. Acontecera tanta coisa desde o último verão. Tanto medo pelo irmão de Jacob... e pelo próprio Jacob. Medo demais. Amor demais. Tudo demais.

Ela espetou a flor amarelo-clara no casaco. Mão... Elas compensavam a pele enregelada que sua forma humana trazia. Quando vestia o pelo, Fux sentia falta de ler o mundo com os dedos.

Não vou demorar.

Com um gesto rápido, ela agarrou um polegar que enfiava a minúscula mãozinha no bolso do seu casaco. Ele só largou o táler de ouro quando ela o sacudiu com força, como a raposa fazia com os ratos que caçava. O ladrãozinho tentou morder seus dedos antes de escapulir dali esbravejando. Jacob sempre punha alguns táleres de ouro no bolso dela antes de partir. Ele ainda não se acostumara com o fato de que ela já se virava bem sozinha, até mesmo no mundo humano.

Do que ele estava com medo?

Fux lhe perguntara depois de terem cavalgado dias a fio, de aldeia em aldeia, para no final simplesmente ficarem debaixo de um pé de romã ressecado, que pertencera a um sultão já morto. Ela perguntara de novo quando Jacob passara três noites embriagado, depois de terem encontrado uma fonte seca num jardim abandonado. “Não é nada. Não se preocupe.” Um beijo no rosto e aquele sorriso despreocupado que ela sabia decifrar desde os doze anos. “Não é nada...”

Ela sabia que ele sentia falta do irmão. Mas havia alguma coisa a mais. Fux olhou para a torre da ruína. As pedras carbonizadas pareciam sussurrar um nome. Clara. Era isso?

Ela ainda sentia seu coração apertar quando pensava no riacho onde flutuavam as cotovias mortas. A mão de Jacob no cabelo de Clara, a boca em sua boca. Tão faminto.

Talvez por causa disso ela quase fora com ele. Ela chegara a seguir Jacob até a torre, mas diante do espelho perdera a coragem. O vidro lhe pareceu uma pedra de gelo escura, que congelaria seu coração.

Fux virou de costas para a torre.

Jacob voltaria.

Ele sempre voltava.



2

O mundo errado

A sala do leilão ficava no trigésimo andar. Paredes revestidas de madeira, uma dúzia de fileiras de cadeiras e, na porta, um homem com um sorriso distraído, que conferia os nomes na lista de presença. Jacob pegou o catálogo que ele lhe entregou e foi até uma das janelas. Uma selva de torres e, atrás delas, os Grandes Lagos, como espelhos de prata. Ele viajara de Nova York a Chicago naquela mesma manhã, um trajeto que teria demorado vários dias por carro. Abaixo dele, a luz do sol refletia-se em paredes de vidro e tetos dourados. Aquele mundo poderia muito bem competir em beleza com o outro, mas Jacob já estava com vontade de voltar.

Ele se sentou numa das cadeiras e observou os rostos ao seu redor. Muitos eram conhecidos: antiquários, curadores de museus, colecionadores de arte. Caçadores de tesouros como ele, com a única diferença de que naquele mundo os tesouros não possuíam outros encantos além da antiguidade e da beleza.

O catálogo do leilão mostrava, entre a chaleira de um imperador chinês e o chocalho de prata de um príncipe britânico, a garrafa cuja pista Jacob seguira até ali. Tinha um aspecto tão discreto que Jacob tinha espe-

rança de que mais ninguém oferecesse algo por ela. O vidro escuro estava protegido por uma capa de couro gasto, e o gargalo fora vedado com um lacre de cera.

“Garrafa de origem escandinava, início do século XIII” estava escrito sob a foto no catálogo. O próprio Jacob a descrevera assim quando a vendera a um antiquário em Londres. Na ocasião, ele achara divertido neutralizar o morador da garrafa daquela maneira. Atrás do espelho, libertá-lo poderia ser fatal, mas naquele mundo ele era tão inofensivo como ar engarrafado, um nada atrás de um vidro marrom-escuro.

A garrafa trocara de dono diversas vezes desde que Jacob a vendera. Tinha lhe custado quase um mês encontrá-la novamente. Um tempo que ele não tinha. A Maçã que Tudo Cura, a Fonte da Eterna Juventude... Ele gastara muitos meses procurando as coisas erradas, e a morte continuava alojada em seu peito. Estava na hora de tentar um remédio um pouco mais perigoso.

A mariposa sobre o seu coração ficava mais escura a cada dia: o lacre da sentença de morte que a Fada Escura infligia a quem pronunciasse seu nome. Jacob o ouvira dos lábios da irmã dela, sussurrado entre dois beijos. Nenhum homem jamais fora executado de forma tão carinhosa. Amor traído... O vermelho-sangue que envovia a marca da mariposa lembrava qual era o verdadeiro crime que estava lhe custando a vida.

Na primeira fila, uma antiquária para quem Jacob tinha vendido anos antes uma garrafa de vidro élfico (ela acreditara ser de vidro da Pérsia) sorriu para ele. Naquela época, Jacob trazia muitas coisas através do espelho para pagar as despesas escolares de Will ou os médicos da mãe. Sem que seus clientes jamais suspeitassem que ele lhes vendia algo de outro mundo, claro.

Jacob lançou um olhar para o relógio e virou-se impaciente para o leiloeiro. *Vamos logo.* Tempo perdido. Ele nem mesmo sabia quanto lhe restava. Meio ano, talvez menos...

A chaleira do imperador chinês atingiu um preço ridiculamente alto, mas a garrafa, conforme o esperado, não causou sensação quando foi posta sobre a mesa do leilão. Jacob já estava certo de que seria o único a fazer um lance, quando, algumas fileiras atrás dele, outra mão se ergueu.

Seu concorrente era um homenzinho miúdo, quase como uma criança. Os anéis de diamante nos dedos curtos certamente valiam mais que todos os objetos do leilão juntos. O cabelo curto era negro como as penas

de um corvo, embora o rosto fosse o de um homem velho. E o sorriso com o qual ele encarou Jacob parecia saber demais.

Que ideia, Jacob.

Ele havia trocado um punhado de tâleros para o leilão. O maço de notas de dinheiro que recebera pelas moedas de ouro lhe parecera mais que suficiente. Afinal, ele próprio não ganhara muito com a garrafa. Porém, cada vez que elevava sua oferta, o desconhecido também erguia a mão, e a cada nova soma que o leiloeiro anunciava, Jacob sentia o coração bater mais rápido de raiva. Um burburinho correu pela sala quando o lance ultrapassou o preço da chaleira imperial. Outro antiquário também começou a fazer lances — e saiu da disputa quando o preço subiu ainda mais.

Desista, Jacob.

Mas e depois? Ele não sabia mais o que procurar, naquele ou no outro mundo. Involuntariamente, apertou os dedos em volta do lenço em seu bolso, mas a magia do lenço de ouro não funcionava ali, assim como a que estava presa na garrafa. *E daí, Jacob? Quando eles perceberem que você não pode pagar, já terá atravessado o espelho de volta.*

Ele ergueu a mão novamente, apesar de a soma anunciada pelo leiloeiro lhe causar náuseas. Era um preço considerável, mesmo para sua própria vida. Ele olhou para o concorrente. Os olhos que retribuíram seu olhar eram verdes como grama recém-aparada. Ele ajeitou a gravata, sorriu novamente para Jacob — e abaixou a mão cheia de anéis.

O leiloeiro bateu o martelo, e Jacob sentia tonturas de alívio enquanto abria caminho pelas filas de cadeiras. Na primeira fila, um colecionador já oferecia dez mil dólares pelo chocalho de prata. Tesouros, dos dois lados do espelho.

A mulher no caixa suava em seu casaco preto e tinha excesso de pó sobre a pele pastosa. Jacob deu a ela seu sorriso mais gentil e lhe estendeu o maço de dinheiro.

— Creio que isto basta como pagamento, não?

Ele ainda pôs três tâleros de ouro em cima das notas. Naquele mundo, as moedas também eram um meio de pagamento bem-vindo. A maioria dos antiquários o tomava por um idiota que não sabia o valor de moedas de ouro antigas e, para aqueles que perguntavam sobre a imperatriz estampada nas moedas, ele sempre tinha uma história mirabolante na ponta da língua. Mas a mulher banhada em suor lançou um olhar desconfiado para os tâleres e chamou um dos leiloeiros para ajudá-la.

A garrafa estava a menos de dois passos de distância, entre os outros objetos leiloados. Mesmo de perto, o vidro não revelava nada que se escondia atrás dele. Apesar das seguranças na porta, por um momento Jacob ficou tentado a fugir com seu butim, mas um pigarro interrompeu aquele pensamento nada sensato.

— São interessantes essas moedas, senhor... como é mesmo o seu nome?

Olhos verdes. O concorrente de Jacob mal batia em seus ombros. Ele usava um brinco com um discreto rubi na orelha esquerda.

— Reckless. Jacob Reckless.

— Ah, sim. — O desconhecido pôs a mão no bolso interno do paletó feito sob medida e sorriu para o leiloeiro. — Afiançarei o sr. Reckless — ele disse enquanto entregava seu cartão de visitas a Jacob. Sua voz era rouca e tinha um leve sotaque que Jacob não conseguiu identificar.

O leiloeiro abaixou a cabeça, reverencioso.

— Como desejar, sr. Earlking. — Ele lançou um olhar interrogativo para Jacob. — Onde devemos entregar a garrafa?

— Vou levá-la comigo.

— É claro. — Earlking sorriu. — Ela já ficou tempo demais no lugar errado, não é mesmo?

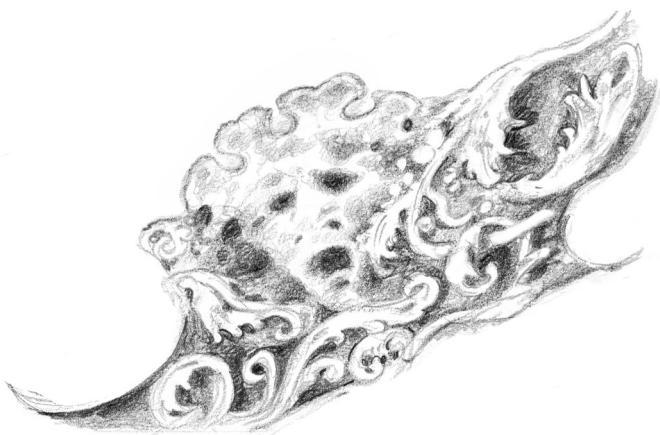
O homenzinho fez uma mesura antes que Jacob pudesse responder.

— Mande lembranças minhas ao seu irmão — ele disse. — Eu conheço ele e a sua mãe muito bem.

Então se virou e desapareceu em meio à multidão bem vestida.

Jacob olhou para o cartão em sua mão. *Norebo Johann Earlking*. Nada mais.

O leiloeiro entregou-lhe a garrafa.



3

Fantemas

O mundo errado. O segurança examinou a garrafa no aeroporto com tanto cuidado que, se fosse atrás do espelho, Jacob acabaria encostando a pistola em seu peito uniformizado. O voo pousou com atraso em Nova York, e o táxi parou tantas vezes no trânsito do fim do dia que ele sentiu saudade de um passeio de carruagem pelas ruas sonolentas de Schwanstein. A lua se espelhava nas poças sujas em frente ao velho edifício. Do alto da parede de tijolos, sobre a entrada, espreitavam as caranças grotescas das quais Will tinha tanto medo que costumava encolher a cabeça ao passar pela porta. Agora já estavam gastas a ponto de quase não se distinguirem das flores de pedra ao redor. Ainda assim, ao subir a escada, Jacob sentiu o olhar delas mais penetrante do que nunca, o que devia acontecer com Will também. Aqueles rostos deformados haviam adquirido um novo viés de horror desde que uma pele de pedra crescerá no irmão.

O porteiro no saguão era o mesmo que costumava expulsá-los do elevador quando eles passavam muito tempo lá dentro, brincando de subir e descer sem parar. Sr. Tomkins. Ele ficara velho e gordo. Em cima do balcão, onde ele organizava a correspondência, ainda estava o pote

cheio de pirulitos, usados como suborno para as crianças entregarem as cartas em seu lugar. Certa vez, Jacob convencera Will de que Tomkins era um ogro, fazendo o garoto se recusar a ir à escola durante vários dias, com medo de passar pela portaria.

O passado. Ele morava em todos os cantos do velho edifício. Atrás das colunas do saguão de entrada, onde Jacob e Will brincavam de esconde-esconde; nos porões, em cujas galerias escuras ele procurara seus primeiros tesouros (sem sucesso); ou no elevador com grades, que era declarado espaçonave ou gaiola de feiticeira, dependendo da aventura. Era estranho o quanto a perspectiva da própria morte trazia o passado de volta — como se de repente todos instantes já vividos retornassem, susurrando: *talvez isso seja tudo que você vai conseguir, Jacob.*

A porta do elevador ainda emperrava para abrir.

Sétimo andar.

Will deixara um bilhete para ele na porta do apartamento. “Fomos ao mercado. Comida na geladeira. Bem-vindo ao lar! Will.”

Jacob pôs o bilhete no bolso do sobretudo antes de abrir a porta. Ele pagara aquelas boas-vindas com a própria vida, mas faria tudo outra vez pela sensação de ter o irmão de volta. Desde a época em que Will ia para sua cama todas as noites e acreditava que os porteiros de vez em quando comiam carne humana, eles nunca haviam estado tão próximos. O amor era terrivelmente fácil de perder.

A escuridão que esperava Jacob atrás da porta era estranha e familiar ao mesmo tempo. Will havia pintado o corredor, e o cheiro de tinta fresca se misturava aos cheiros de sua infância. Às cegas, seus dedos ainda encontravam o interruptor. A luminária era nova, assim como a cômoda ao lado da porta. As velhas fotos de família haviam desaparecido, e o papel de parede desbotado, em que mesmo depois de anos era possível distinguir o local onde ficava o retrato de seu pai, cedera lugar à tinta branca.

Jacob largou a sacola no piso gasto de madeira.

Bem-vindo ao lar.

Seria mesmo um lar depois de todos aqueles anos em que tudo que ele queria encontrar ali era o espelho? Em cima da cômoda havia um vaso com rosas amarelas. A marca de Clara. A perspectiva de voltar a vê-la o deixara um tanto nervoso antes de atravessar o espelho. Ele não tinha certeza se seu coração batia mais depressa apenas por causa das recordações ou se ainda era o efeito da água de cotoxias. Mas estava tudo bem.

Era bomvê-la, com Will, naquele mundo ao qual ele mesmo não pertencia mais há muito tempo. Ao que tudo indicava, ela não contara a Will sobre a água de cotovias. Mas Jacob sentia que aquela lembrança os unia, como se eles tivessem se perdido na floresta e encontrado o caminho de volta juntos.

Até então, Will havia mexido muito pouco no quarto da mãe, assim como no escritório do pai. Depois de certa hesitação, Jacob abriu a porta. Ao lado da cama, havia algumas caixas com livros de Will, e as fotos de família que antes ficavam penduradas no corredor estavam encostadas na parede, sob a janela.

O quarto ainda tinha o cheiro dela. Ela mesma havia confeccionado a colcha de retalhos. Os pedaços de tecido ficavam espalhados por todos os cantos da casa. Flores, animais, casas, barcos, lua e estrelas. O que quer que a colcha contasse sobre sua mãe, Jacob nunca conseguira decifrar. Muitas vezes os três se deitavam na cama, e ela lia histórias para eles. O avô de Jacob contava as histórias que ouvira na Europa quando criança, histórias povoadas por bruxas e fadas, seres cujos parentes ele encontrara atrás do espelho. Já as histórias que a mãe lia eram norte-americanas. O Cavaleiro Sem Cabeça, Joãozinho Semente de Maçã, o Irmão Lobo, a Mulher Mágica e o Gigante de Sêneca. Jacob ainda não encontrara pistas deles atrás do espelho, mas tinha certeza de que também viviam ali, como os personagens dos contos de fadas do avô.

No criado-mudo da mãe havia uma foto dela com ele e Will no parque. Ela parecia muito feliz. E tão jovem. O pai de Jacob batera a foto. Provavelmente ele já sabia do espelho naquela época.

Jacob limpou o pó do vidro. Tão jovem. E tão bonita. O que seu pai tanto procurava que não pôde encontrar nela? Quantas vezes ele se perguntara isso quando criança... Ele tinha tanta certeza de que ela havia feito algo errado — e sentia tanta raiva. Raiva das fraquezas dela. Raiva porque ela não conseguia deixar de amar o marido e esperava por ele, mesmo sabendo que ele não voltaria. Ou será que ela tinha esperança de que o filho mais velho um dia o encontraria e o traria de volta para ela? Não fora isso que ele imaginara secretamente todos aqueles anos? Que um dia ele voltaria com o pai e enxugaria toda tristeza do rosto da mãe?

Atrás do espelho havia ampulhetas que paravam o tempo. Jacob fi-

zera uma longa busca por uma delas para a imperatriz. Na Lombardia, girava um carrossel que fazia as crianças virarem adultos e os adultos voltarem a ser crianças, e em Varangia um príncipe possuía uma caixinha de música que levava quem lhe desse corda de volta ao próprio passado. Muitas vezes Jacob se perguntara se isso de fato alterava o curso dos acontecimentos, ou se as pessoas acabariam fazendo exatamente o que haviam feito da primeira vez: seu pai iria de novo para o outro lado do espelho. Ele o seguiria, e Will e sua mãe ficariam sozinhos, para trás.

Céus, Jacob! A perspectiva da própria morte o deixava sentimental.

Era como se nos últimos meses seu coração tivesse sido fundido e refundido diversas vezes, como um pedaço de metal que simplesmente não queria tomar a forma correta. Se a garrafa também se revelasse inútil como a maçã e o poço, o esforço teria sido em vão, e logo ele se resumiria a apenas uma foto numa moldura de prata empoeirada, como sua mãe. Jacob pôs a foto de volta no criado-mudo e alisou a colcha, como se sua mãe pudesse entrar no quarto a qualquer instante.

Alguém abriu a porta do apartamento.

— Jacob já chegou, Will. — A voz de Clara soou quase tão familiar quanto a de seu irmão. — A mochila dele está aqui.

— Jake? — Na voz de Will não havia resquícios da pedra que tingira sua pele. — Cadê você?

Jacob ouviu o irmão chegar pelo corredor e, por um instante fugaz, ele se viu num outro corredor, com o rosto de Will atrás dele, desfigurado pelo ódio. *Já passou, Jacob.* Não, nunca acabaria totalmente, e era melhor assim. Ele não queria esquecer o quanto facilmente poderia perder Will.

E ali estava ele na porta, sem ouro nos olhos, a pele macia como a sua, apenas bem mais clara. Afinal, Will não havia cavalgado durante semanas por um maldito deserto como ele.

Will o abraçou quase tão forte quanto antigamente, quando Jacob o salvava de algum valentão do quarto ano no pátio da escola. Sim, valera o preço, contanto que o irmão nada soubesse sobre o montante pago.

As recordações de Will do tempo que passara atrás do espelho eram como fragmentos que ele tentava, em vão, interligar. Afinal, ninguém gostaria de viver com a sensação de praticamente não se lembrar de semanas tão decisivas da vida. Quando Will descrevia rostos ou lugares para Clara e para ele, Jacob se dava conta de quantas coisas seu irmão vivera sozinho atrás do espelho. Era quase como se Will tivesse uma se-

gunda sombra, que o seguia como um estranho — e de vez em quando o assustava.

Jacob mal podia esperar para voltar, mas Clara pediu que ele ficasse para o jantar, e quem poderia dizer se ele e Will ainda voltariam a se ver? Então ele se sentou à mesa da cozinha, onde quando criança havia riscado suas iniciais com seu primeiro canivete, e tentou parecer o mais despreocupado possível. Mas, pelo jeito, ele perdera também o talento para fazer o irmão acreditar nas histórias que inventava. Diversas vezes Jacob percebeu o olhar preocupado do irmão, quando justificou sua ida a Chicago com uma história sobre um industrial de Schwanstein e sua paixão por gênios engarrafados.

Com Fux, ele nem ao menos tentara explicar. Durante a interminável busca dos dois pelas coisas erradas, muitas vezes ele esteve prestes a lhe contar a verdade, mas, em todas elas, a ideia de ver o próprio medo refletido no rosto dela o impedira. Ele amava Will, mas sempre seria, antes de qualquer outra coisa, seu irmão mais velho. Com Fux, ele podia ser simplesmente ele mesmo. Ela via tão bem o que ele tentava esconder dos outros — ainda que isso nem sempre o agradasse e os dois raramente dissessem abertamente o que sabiam um do outro.

— Você conhece um tal de Norebo Earlking, Will?

O irmão franziu a testa.

— Um cara bem baixinho? Com um sotaque estranho?

— Ele mesmo.

— A mamãe vendeu algumas coisas do vovô para ele quando estava precisando de dinheiro. Acho que ele é dono de alguns antiquários, aqui e na Europa. Por quê?

— Ele me pediu para mandar lembranças.

— Para mim? — Will ergueu os ombros. — A mamãe não vendeu tudo que ele queria. Talvez ele esteja querendo tentar a sorte com nós dois. É um sujeito meio excêntrico. Eu nunca soube direito se a mamãe gostava dele.

Will acariciou o próprio braço. Ele passava a mão na pele com frequência, como se quisesse se certificar de que o jade realmente havia desaparecido. Clara também notara o gesto. Fantasmas... Will se levantou e se serviu de uma taça de vinho.

— O que devo responder se ele me fizer uma oferta? O porão está cheio de tralhas. Parece até que nossa família nunca jogou nada fora desde que este prédio foi construído. Quase não tem lugar para os quadros que tiramos das paredes. Mas Clara precisa de um escritório e... — Will não completou a frase, como se os fantasmas dos pais os espiassem dos cômodos vazios que haviam habitado.

Jacob passou os dedos nas iniciais que gravara no tampo da mesa. Ele havia comprado o canivete escondido.

— Venda o que você quiser — ele disse. — Pode desocupar tudo. Se vocês quiserem, podem usar o meu quarto também. Posso dormir no sofá; venho muito pouco mesmo.

— De jeito nenhum. Seu quarto fica como está. — Will lhe estendeu uma taça de vinho. — Quando você volta para lá?

— Hoje mesmo. — Já não era mais tão fácil como antigamente ignorar a decepção no rosto do irmão. Ele sentiria falta de Will.

— Está tudo bem? — Will olhou para ele, preocupado. Com certeza, enganá-lo não era mais tão fácil como antigamente.

— Claro. Só é um pouco cansativo viver entre dois mundos. — Jacob tentou fazer sua frase soar como uma brincadeira, mas o rosto de Will permaneceu sério. Ele se parecia tanto com sua mãe. Will até franzia a testa do mesmo jeito que ela.

— Você deveria ficar aqui. É muito perigoso!

Jacob abaixou a cabeça para que Will não visse seu sorriso. *Só ficou realmente perigoso por sua causa, irmãozinho.*

— Logo estarei de volta — ele disse. — Prometo.

Sim, ele ainda mentia bem. As chances de que o morador da garrafa não o salvasse, e sim o matasse, eram de mil para um. *Mil para um contra você, Jacob.* Ele já havia ganhado apostas mais altas.